

# BANDO ESCOLÁSTICO

Recitado em 5 de Dezembro de 1916 pelo académico do quinto ano:

MANUEL DE CASTRO GARRETT.

(AOS ENTUSIASTAS DAS FESTAS)

Nicolau ! Nicolau ! vá lá, mais uma vez,  
A Festa em honra tua, egrégio português !?  
Alguns dias de folga, ao lado a livraria!  
Sobraçando a batina a nobre academia  
Pensou, considerou que tinha obrigação  
O Santo festejar com alma e devoção.  
Cumprira-se um dever; a consciência ordenava;  
E alegres, joviais, e firmes, bem astutos,  
Viemos para a rua (e Minerva se orgulhava!  
Sorria de feliz!), segundo os estatutos.  
Por isso, Nicolau, não fizemos demais;  
Prolongamos a obra encetada p'los pais.  
Ao lado a livraria, às costas as batinas,  
E revivamos, pois, as Festas Nicolinas !

Eu quero a minha voz se ouça possantemente,  
Distante, em tóda a parte, em os montes e fraldas,  
Para o nome invocar dum mestre inteligente,  
Do vate entusiasta — o doutor *Bráulio Caldas*.  
Eu quero recordar este nome querido,  
Como homenagem e preito, e como gratidão;  
Já que o povo é ingrato e bastante esquecido,  
Cumpramos um dever, a nossa obrigação.

Já que falando estou dum ido entusiasta  
E' justo que recorde (Eureca ! Eureca ! Eureca !)  
*Tesónimo Sampaio* (êle de nós se afasta),  
Por onde pairas tu reluzente careca ?!  
Vem mesmo de varino, imita um frade antigo  
E vem ver Nicolau por quem já foste louco;  
Os claustros abandona, até nós vem, amigo,  
A distância é pequena e gastas tempo pouco.  
Segundo a tradição e que nos consta, a nós,  
Tu foste um herói nas Festas Nicolinas;  
Todos falam de ti, os nossos pais e avós,  
Quando nos narram, ao lar, tuas piadas finas.  
Gozaste e bem fizeste. Essa tua ironia  
De fazer rir o povo e de que ainda gostas,  
P'ra sempre ennobreceu a nossa academia,  
Quando deste maçãs co'uma rapoza às costas!  
Ao ouvir's este som, dos bombos as metralhas,  
Recorda com saudade os tempos já passados;  
Aparece e relembra, aos novos, das muralhas,  
Que as peles no teu tempo eram feitas bocados.

Vós, óh mestres (se acaso está p'ra'i algum),  
Não chameis à lição da Festa um companheiro;  
O desastre é fatal, valores apanha um,  
E as gatas para os pais representam dinheiro.  
Por isso, se amanhã, à lição fôr chamado  
Alguem e sem saber (se o mestre não fôr mau),  
Apenas lhe dirá:—tenho o braço cansado.  
—Você também tocou?—Toquei ao Nicolau.  
E o mestre compreendendo a tremenda tolice  
Chamar ao outro dia um rapaz à lição,  
Embora ache demais a nossa cabulice,  
O amigo protector sempre nos dá razão.

O velho mundo em lucta, em titânica guerra:  
Por tóda a parte a morte a difundir a dor,  
No profundo oceano, em ar's e mais na terra,  
Devido á ambição dum louco imperador.  
O'h Kaiser caricato! óh «boche!» a tua sorte  
Ha-de ser bem fatal, pior do que a de um cão!  
Condenado serás à implacavel morte,  
Teu sangue praguejado á última geração!  
O'h barbaro estadista! animal já sem nome!  
Grotresco domador! mar'chal dos marechais!  
Crianças na orfandade e os velhos têm fome,  
De há meses que a miséria assolara os casais.  
Tu julgas-te potente e com força tamanha,  
Segundo o teu pensar, segundo o que tu dizes,  
Que tu transformarás a Europa em Alemanha,  
Com tóda a sua raça e todos os países.  
Tal não conseguirás, tal não há-de ver.  
Na nossa causa existe a Justiça e a Razão.  
Os aliados, um herói! tu has-de perecer!  
Tens força de um gerico e nós a de um leão.  
E assim o teu império, algoz inquisidor!  
Da simpática Europa êle desprerirá;  
Embora surja o luto, óh louco imperador!  
Essa tua ambição p'ra sempre morrerá.

E tu, óh Guimarães, que tal te dás aí?  
Sê franco para nós: ainda gostam de ti?  
Fazem-te linda festa e prometem-te coisas:  
Palácio e jardins, bairros, diversas *loisas*!  
Não te podes queixar; fizeram-te um favor,  
Em te ligar a Braga em um carro a vapor.  
Tens isto... e mais *ajuílo*..., afora o que mais venha,  
Um parque já tu tens e elevador à Penha.  
Uma avenida larga, airosa e bem comprida,  
Que quem por lá passar diz mal p'ra tóda a vida!  
Já tens um bom relógio, obra do *sor* Monteiro:  
Dispôs de dez mil réis—dispôs do seu dinheiro.  
E tu não estás mal; tu tens obras das finas,  
Com luxo e com grandesa... «*olha a 'stalar meninas!*»  
Também vestes à moda, e as tuas mulheres  
Entrajam belamente, as saias por aqui,  
Botas 'té ao joelho, as pernas que eu vi  
Das facas cabos são,—e tu o que mais queres?  
Embora, à noite, a luz se apague, a gram telhada!  
Ouves, de vez em quando:—«*Olha da ramalhuda!*»  
Em tudo és bem fadado, óh Guimarães velhinho  
Barata a vida está, o centeio e o pão;  
Quem a rasa quisér deita fora um quatinho,  
E veremos, depois, o mais que aumentarão.  
E vós que me escutais: vós o que mais quereis?  
Tudo mais baratinho? arranjai seis mil réis,  
E dai para a «Económica» apenas o nome.  
Se não tendes dinheiro, adeus !... morreis à fome.  
Até o lavrador que vem cá, à cidade,  
De tudo o que produz e cria a sua herdade,  
Explora um cidadão: nos ovos, nas cebolas,  
Nos nabos e feijão, nos frangos e nas rolas;  
Por sua vez, também, as próprias lavradeiras,  
Na praça, no mercado elas são mais careiras.  
E digam-me que é tolo o bicho lavrador?  
Protesto e não concordo. E' fino. Isso sim!  
Dum «*chespas bom serás*» passou a explorador,  
Que muito estranho, até: «*Nunca vi sals'assim!*»  
E já agora uma coisa, é justo, óh meu amigo,  
Escuta e ouve cá, e concorda comigo:  
Tem direito ou não tem, não é obrigação,  
Agradecer, aqui, a um belo cavalheiro  
Que nos dispensa sempre—José Martins, de Aldão,  
Um gigantesco pau—o célebre «pinheiro»?

A entrada do «pinheiro» arrepios me fás:  
A boiada faltou. *E atão ! aos depois*  
Tudo se dividiu: em vez de um boi ou dois  
Puxar á valentona, o *gado* vinha atrás!

Há tempos eu sonhei, em tempo já passado,  
Um sonho, uma visão, um successo engraçado:  
Um anjo lá do céu me viera buscar,  
Umhas asas me pôs e fomos a voar,  
Pelos espaços fora, até que, enfim, chegámos  
Ao Eden desejado, onde nos hospedámos.  
Um palácio assombroso: haver's e pedraria,  
Brilhantes de valor, que casa luzidia!  
De ver tanta riqueza eu fiquei admirado!  
Andei, percorri tudo. E passado um bocado,  
O anjo, meu companheiro, indicou-me as janelas:  
Em cada uma vi olimpicas donzelas,  
Trajando ricamente e causando-me espanto.  
Que deusas divinais! que formosura e encanto!  
Depois, não sei porquê, vê-las mais eu não quis.  
Desci, desci, desci lentamente dos céus:  
As deusas que enxerguei, sois vós, damas gentis,  
O céu, foi minha terra...adeus, adeus, adeus!

O'h chefe cá da orquestra! óh mestre! óh meu regente!  
Previne o teu povinho e mais a tua gente  
Que quando terminar a minha alocução,  
Com reptos de oratória e correcta dicação  
(Eu não imito, não, palrador deputado  
Que diz no parlamento, apenas: «*apoiado!*»  
Eu não sou dèsses, não! falo com energia),  
Necessário é ouvir-se a forte zombaria:  
Diabólico barulho, imitando trovões  
—Granadas estalai! arrebeintai canhões!!

Leão Martins